

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܗ

SÃO PAULO - JUNHO/2018

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO INICIAL	1
CRISTIANISMO VIDA OU MORTE?	2
COMO RECEBER A COMUNHÃO	5
A CRISE DAS IGREJAS TRADICIONAIS	6
RITUALÍSTICA: O CREDO	7
CULTURA ORIENTAL- OS VASILHAMES ORIENTAIS	8
NOTÍCIAS DA COMUNIDADE	10
TEXTOS EM ARAMAICO	11

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

ORAÇÃO INICIAL

Ó que Te comprazes com os arrependidos!

(dSôve bêthaiôve)

Ó que Te comprazes com os arrependidos!

Compraze-Te comigo porque pecador eu sou.

De Teu grandioso Trono
Com Tuas migalhas satisfaze-me,
E não pereça minha vida
Na escuridão da esquerda¹;

E não considere Tua justiça²
As máculas abomináveis de minha fraqueza;

Naquela grandiosa manhã
De infinita existência!

[Obs.:

¹ esquerda é o inferno na teologia de Antioquia

² justiça é justiça e benevolência (v. Suryoye nr 87 pg. 7 & 8)]

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Estamos à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.



Altar-mor da Catedral Armênia São Jorge em São Paulo / Brasil. Consagrada em maio de 1948.

ܡܫܠܐ ܘܥܡܐ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ - ܗܒܠ
ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ
ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ ܘܡܪܝܢ

[Uma Súplica de Efrem, o Siríaco - in *Chrestomathia Syriaca Edita a P. Pio Zingerle*. Typis S.C. de Propaganda Fide. Roma. 1871.]

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

FACEBOOK: IGREJA SIRIAN ORTODOXA SANTA MARIA

CRISTIANISMO - VIDA OU MORTE? - FINAL (1ª PARTE NO NR 88)

voltemos agora nossos olhos para a época em que Deus veio a esse mundo e tornou-se um ser humano, como nós, em tudo; nasceu da Virgem Maria, cresceu, viveu em Judá, pregou para a salvação do ser humano, padeceu e morreu na cruz, vítima dos líderes supremos do Sinédrio dos judeus e do comando romano em Jerusalém, na época do governador de lá, Pôncio Pilatos. Em tudo era um ser humano, exceto que se não deixava levar pelo domínio material pois espiritualmente era Deus.

Por nossa fé, cremos que Ele veio a esse mundo para o salvar. Não que já não o tivesse feito antes, basta lermos os relatos bíblicos¹ e até mesmo Seu maior pregador, São Paulo, que em sua carta dirigida aos hebreus, logo no início² fala exatamente isso. Ainda mais: cremos que Ele veio primeiro para salvar os judeus que o rejeitaram e então enviou seus apóstolos ao mundo todo³ para quem ouvisse Seus ensinamentos, não perecesse mas tivesse o poder de entrar no Seu Reino Eterno⁴.

Então, na nossa cronologia humana, naquele tempo, Deus esteve entre nós, como um ser humano, para nos anunciar a salvação e através de sua crucificação e ressurreição, salvasse a humanidade, da perdição a que se destinava.

Esse era o mundo no tempo de Cristo. Como nós acreditamos, estava o mundo destinado à danação eterna. Entre os povos daquela época, nalguns, havia poucos pecadores enquanto que outros eram em sua maioria pecadores. Como saberemos como estavam? Conforme Cristo nos mostrara, seria o nível de materialismo a consideração máxima para que o povo assumisse como algo bom. Isso ocorria em Jerusalém. Assim, vemos que a palavra de Deus fora subvertida pelos dominadores do Sinédrio em Jerusalém, havia muito tempo, talvez mais de 200 anos, quando o poder de orientação do povo alternava entre os fariseus e os saduceus. Passaram então a realizar transações comerciais até dentro do templo em Jerusalém, dessa forma, se um judeu viesse de Oriente, tal como Mesopotâmia ou do Ocidente, tal como Roma, para rezar e oferecer a Deus um sacrifício, ele seria compelido, dependendo da sua riqueza, a comprar uma pomba ou uma ovelha ou um boi dalgum comerciante autorizado a ficar na própria porta principal do templo. Jesus expulsou do templo tais comerciantes⁵. Ele queria que a parte espiritual ficasse pura e não fosse dominada pela parte material. Isso vale até hoje, para todas as nações e povos do mundo; se a parte material (por exemplo: economia, interesses materiais de grupos) tomar o domínio sobre a parte não material, corrompe-se o governo e a nação pode não mais livrar-se desse mal e isso pode levar à desintegração da nação.

A pergunta então passa a ser: por que tal forma de governo fora instituída em Judá? Seria somente em Judá? Para responder à indagação formulada, é preciso olhar a história das diversas nações que influenciaram Judá.

Primeiro vemos que no relato bíblico, no que diz respeito ao governo das tribos israelitas unificadas e depois divididas no Reino de Israel (ao Norte, eram 10 tribos) e do Reino de Judá (no Sul, eram 2 tribos). Desde o início, tanto do tempo tribal quanto dos dois Reinos divididos, tratava-se de governo chamado teocrático, ou seja “Deus governava” porém, através dos sacerdotes. Os sacerdotes definiam o que poderia e o que não poderia ser feito pelo povo e pelos chefes das tribos. Depois, foram os sacerdotes que ungiram os primeiros reis e assim foi até o desaparecimento das 10 tribos do norte de Israel (levadas pelos assírios e dispersadas nas montanhas da Mesopotâmia no Sec. VIII a.C.) e depois, o exílio, por décadas, das 2 tribos restantes, do sul, que se conheciam como Reino de Judá, exílio esse imposto pelos exércitos dos caldeus, vindos da Babilônia (sul da Mesopotâmia, no séc. VI a.C.). Historicamente, essa era também a postura dos sacerdotes e reis do Egito, na antiguidade. Os sacerdotes, no Egito, apontavam o rei como um deus e todos a ele deviam obediência, porém, os sacerdotes tinham o poder sobre o exército também.

No primeiro caso, o exílio das 10 tribos de Israel levadas pelos assírios cujo governo não era teocrático, ou seja, nada havia superior às leis do Império e que eram protegidas pelo rei e seus ministros; vemos, contudo que todos respeitavam os sacerdotes e os templos (os sacerdotes não tinham o domínio político e governamental). Os reis assírios conheciam a diferença entre seu governo e o de Israel e viram que não haveria solução para o caso; donde concluíram que o melhor seria dispersar as tribos de Israel e amalgamá-las à massa do povo assírio e dessa forma, esse povo israelita acabaria por assimilar os valores culturais assírios.

No segundo caso, 200 anos depois, os caldeus agiriam de forma diferente. O pensamento era diferente. Os

CRISTIANISMO - VIDA OU MORTE?

caldeus formavam a casta sacerdotal do sul da Mesopotâmia e dominaram a Babilônia (e depois todo o Império Assírio), apoiados pelos persas e medas que também seguiam a orientação dos seus sacerdotes. Assim, quando Nabucodonosor II, rei da Babilônia, um caldeu, levou os governantes e demais membros de Judá ao exílio na Babilônia, preocupou-se em manter a filosofia de governo dos caldeus que era teocrático. Quando a Babilônia caiu nas mãos de Ciro, rei da Pérsia (atual Irã), os judeus foram liberados de seu exílio e remetidos de volta a Judá. Após 70 anos de cativo sob um governo teocrático, os judeus que retornaram tomaram o modelo de governo teocrático dos caldeus como o sistema de governo correto e reconstruíram seu reinado como um governo teocrático onde os sacerdotes e o templo governavam.

E o resto do mundo?

Na Europa, originalmente, sob a influência do Império Assírio (Mesopotâmia), os gregos (seus antecessores e os próprios gregos) formaram governos não teocráticos, os reis tudo orientavam e sob o comando de Alexandre da Macedônia, invadiram todo o mundo antigo derrotando todos os governos, inclusive os teocráticos como Pérsia, Egito e Judá. Seus sucessores, os romanos, também sem governo teocrático, mas, civil, continuaram esse domínio por mais de 5 séculos.

Mesmo durante um ínterim de quase 7 séculos sob domínio dos estrangeiros aos judeus (gregos e romanos), a forma de governo interno dos próprios judeus fora teocrático.

Quando Jesus nasceu e depois, quando pregou a Sua filosofia de vida, os judeus eram dominados pelos romanos, porém tinham certa autonomia que era dirigida pelo templo, ou seja, indiretamente pelos romanos e diretamente pelos sacerdotes.

Jesus tentou fazer com que os judeus entendessem que deveria haver uma separação entre o governo temporal e o espiritual, daí sua famosa frase quando tentado pelos fariseus (que dominavam o Sinédrio naquele tempo) e escribas (eram os intelectuais da época) quando Lhe perguntaram se um judeu deveria pagar o imposto ao governo romano e Cristo Lhes pediu uma moeda e perguntou de quem era a efígie que viam na moeda e eles responderam de pronto que era de Cesar (imperador de Roma) então Jesus Lhes disse “*dai então a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus*”⁶. Os fariseus não aceitaram e os judeus mantiveram seu governo interno teocrático e, além disso, criaram tumultos e até guerras contra os romanos, incitados pelos fariseus e em todas elas foram derrotados fragorosamente⁷.

A questão que se apresenta é: por que essa separação?

Ora, Cristo ensinava que se o ser humano não se dedicasse inteiramente à matéria, se se livrasse desse encargo, passaria por essa vida terrena de forma leve e sem preocupação; poderia viver intensamente a vida, sem preocupações do “correr-corre” por riquezas que nada acrescentam ao próprio ser humano, por isso, ensinava “não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes?”⁸. Seu predecessor também, S. João Batista, filho de Zacarias, pregava isso aos judeus, antes de Cristo iniciar Seu ensinamento. Dizia ele:

*“Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira.”*⁹.

Assim, Jesus Cristo ensinava que o ser humano não deveria correr como louco atrás da matéria mas deveria dedicar-se a auxiliar seus semelhantes sempre. O ser humano, ajudando outro ser humano (seu semelhante) era a conservação da vida.

O ser humano deveria cuidar de seu espírito também durante a vida, contemplando a natureza e descansando da luta diária, ou seja; dar a Cesar o que é dele e a Deus o que é de Deus; a contemplação e a adoração sem a preocupação material. O ser humano deveria viver a vida terrena com consciência, deveria aproveitar essa dádiva que Deus Lhe deu: a vida na terra e não passar pela vida sem perceber que ela estava passando, para que recebesse a vida eterna no reino de Deus.

Assim, como os assírios de outrora que separavam o governo temporal do governo espiritual, nós, seguidores de Cristo, da Sua filosofia que nos foi pregada por S. Pedro desde Jerusalém e Nazaré e Belém, passan-

CRISTIANISMO - VIDA OU MORTE? - PARTE FINAL

do pelo Oeste da Síria e até Antioquia, depois, também por S. Tomé em todo o Oriente, desde a Mesopotâmia até a Índia, devemos adotar isso como norma, separarmos “o que é de Cesar daquilo que é de Deus”; porque dessa maneira, não ficaremos sob o domínio da matéria; tratamos o espiritual como espiritual e vivemos para a vida eterna, não temendo a morte, que após a Ressurreição de Cristo, mostrou-nos nada mais ser que a transição entre a vida temporal e a vida eterna. Jesus exaltava a vida e desdenhava a morte.

Foi isso que Jesus Cristo quis, é isso que devemos fazer.

Observações:

¹ Antigo Testamento, Gênese, capítulos 5 até 9

² Novo Testamento, Carta aos Hebreus.

³ Novo Testamento, Evangelho de S. João –capítulo 1.

⁴ Novo Testamento, Evangelho de S. João –capítulo 3

⁵ Novo Testamento, Evangelho de S. João –capítulo 2

⁶ Novo Testamento, Evangelho de S. Mateus –capítulo 22

⁷ *War of the Jews* in <https://www.biblestudytools.com/history/flavius-josephus/war-of-the-jews/> (acesso em 23 de junho de 2018)

⁸ Novo Testamento, Evangelho de S. Mateus –capítulo 6

⁹ Novo Testamento, Evangelho de S. Lucas –capítulo 3

CULTURA ORIENTAL I – A PALAVRA MORYO (SENHOR DEUS)

O nome **MORYO** é composto por duas palavras: *mor* (senhor) e *yo* (Deus).

Pela arqueologia mesopotâmica e de todo o Oriente Médio, sabemos que **YA** (na pronúncia da Babilônia e **Yo**, na Assíria) era um deus e que fora adotado pelos povos hebreus, isto é, aqueles que eram provenientes do leste do Eufrates. Outro deus mesopotâmico era **EL** e também esse deus fora adotado pelos povos hebreus. Detalhando somente um pouco, veremos que do nome **Ya** provém a palavra *Yáhua* que significa, em aramaico: “**Ya** existe” ou “é **Ya**” e como as línguas semitas eram escritas sem as vogais curtas, seria então : **yhw** que transcrito e pronunciado no ocidente seria: *yehoua* donde temos *jehova* ou *Jeová*.

Já do nome **El**, os povos semitas derivaram o substantivo **Aloh**, em aramaico ou *Eloh* em fenício (ou cananeu). Os árabes, diferentemente dos assírios e fenícios, não possuem a vogal “o” e pronunciam *álah*. Quem quiser mais detalhes da formação dessas palavras, poderá consultar um número antigo de *Suryoye*¹.

Nas Igrejas onde o idioma aramaico é o idioma sacro, tal como a Igreja de Antioquia, utilizamos os seguintes termos: **mor** que quer dizer *senhor*; **aloho** (*Deus*) e **moryo** que quer dizer *senhor deus*.

Assim, **moryo aloho** seria *senhor deus Deus* e para evitar essa repetição, a partir do cristianismo, **moryo aloho** passou a ser *Senhor Deus*. Uma consequência desse uso diferente no significado de **moryo aloho** é que se perdeu o uso original do nome que era o nome do deus **Yo** (ou ainda **EA** como os arqueólogos europeus preferem escrever); assim também **aloho**; perdeu-se o uso original do nome que era o nome do deus **IL** (ou **EL**). Uma característica, no entanto, do uso de **moryo** (pronuncia-se: môriô) é que esse tratamento somente pode ser usado para Deus, assim, se for uma referência a qualquer ser que não seja Deus utilizamos somente **mor**, por exemplo: **mor pateriarko dantiukia** que significa “o senhor patriarca de Antioquia”; agora, se nos referir-

mos a Deus, obrigatoriamente diremos: **morio aloho** ou seja, o *Senhor Deus*.

Observações:

¹ *Suryoye* nr 23 v. pg.8 in **A Origem do Universo** :

<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye23-.pdf>, (consultado em 24 de junho de 2018)

Palavras da Bíblia

*N*ão respondas ao néscio segundo sua insensatez, para não seres semelhante a ele, porém, fala com o tolo segundo tua sabedoria para que ele não se julgue sábio.

Livro dos Provérbios - capítulo 26º

COMO RECEBER A COMUNHÃO?

Entra ano, sai ano, passa o tempo e quem segura os candelabros móveis (com cabo comprido que serve de suporte vertical ao candelabro) na hora da ministração da Santa Comunhão aos fiéis, durante a missa, vê como algumas pessoas recebem o mais Sacro dos Sacrifícios como se fosse algo corriqueiro, quinquilharia sem valor. É provável que muitos nem saibam como receber a Santa Comunhão e por isso, de tempos em tempos, seria bom que o pastor discursasse sobre a solenidade do momento. Ao mesmo tempo, **Suryoye** re-apresenta, sucintamente, o padrão de comportamento que o fiel deve ter nesse momento.

O fiel, ao receber a Comunhão, deve portar-se com dignidade e respeito aos valores cristãos pois a Comunhão representa o sacrifício que Deus fez por nós ao aceitar a paixão e morte na cruz para depois ressuscitar.

Para receber a comunhão, o homem deve ter a cabeça descoberta, faz o sinal da cruz antes de receber a Santa Comunhão e diz com baixíssima voz: “*lembra-Te de mim, ó Filho de Deus, quando vieres em Teu reino*” (em aramaico: **ethdakhâr lî brô dâlôhō mô dôthe át bēmalēkuthôkh**), depois abre a boca para o sacerdote colocar nela a Santa Comunhão que consistirá de um pedaço de pão embebido em vinho tinto. Após receber a Santa Comunhão em sua boca, deverá fazer o sinal da cruz dizendo: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, um único Deus real, amém; isso enquanto se retira de volta a seu lugar, porém sem assentar-se, pois deverá esperar o final da ministração da Santa Comunhão aos demais fiéis e enquanto continua a cantar com a comunidade, os hinos, até a retomada dos “hinos solos” pelos diáconos e pelo sacerdote.

A mulher, procede como o homem procede, diz as mesmas palavras, porém, deverá ter a cabeça coberta por um véu.

Essa tradição de o homem receber a comunhão com a cabeça descoberta e a mulher com o véu na cabeça vem desde o tempo dos assírios quando o sacrifício do templo era distribuído pelo povo, contudo, somente os sacerdotes usavam um capuz pois o homem com cabeça descoberta é indicação de que ele é servo do deus do templo e a mulher com o véu é indicação de sua humildade e condição de serva daquele deus; assim também o homem na Igreja de Antioquia é servo de Jesus Cristo e a mulher na Igreja é serva de Jesus Cristo que é o próprio Deus e por isso devem ser ambos humildes ao receberem a Comunhão.

A Crise das Igrejas Tradicionais

Algumas semanas atrás, tive a oportunidade de presenciar uma cena que me fez pensar.

Fui visitar o bispo que tinha uma influência muito grande numa Faculdade de Teologia para tentar acertar o preparo de um futuro professor de aula dominical na igreja e enquanto estava na sala de espera ouvi um diálogo que se passava entre um padre, que se formara naquela escola há alguns anos, e o bispo que discutiam sobre o cuidado que o pastor deveria ter ao tratar com seu rebanho, no aspecto espiritual, sem esquecer o humano

Dizia o padre que estava preocupado com o declínio dos fiéis na igreja; o bispo, muito mais idoso que o padre, talvez próximo dos seus 75 anos, respondia com indagações intrigantes: estava o padre estudando seu breviário? as litúrgias? o hinário? estava ele preparando suas homilias? ou estava simplesmente repetindo sem sentimento as músicas, o hinário, a liturgia? (como se diz popularmente: “cumprindo tabela”). Citava em suas homilias a sabedoria dos antepassados, dos santos padres ou repetia “chavões” que o povo estava cansado de ouvir?

Esse diálogo pareceu-me reprise de filme, “deja vu”. O padre parecia justificar-se que ninguém se importava se um jovem participa da cerimônia de Primeira Comunhão ou Crisma e depois “desaparecia” da Igreja (eram ambos da Igreja Católica Apostólica Romana); ninguém se importava com o fato que os batismos e os casamentos religiosos estivessem diminuindo, ninguém dava atenção ao fato que os divórcios estavam aumentando com números astronômicos, ninguém se importava com a unção dos enfermos, todos somente estavam interessados em que a arrecadação da igreja não caísse. Voltou-me à memória, minha vivência profissional, nas mais diversas empresas industriais. Podíamos vender menos unidades desde que faturássemos mais que o ano anterior; bastava aumentar o preço. Ninguém enxergava que havia alguém no mercado que estava fornecendo as unidades que nós não estávamos fornecendo, afinal, estávamos faturando mais e, como se diz popularmente: “em time que está ganhando, não se mexe!”. Não mesmo? Estava ganhando? Como se “mede” o “estar ganhando”? Pelo faturamento em moeda?

O diálogo continuou. O padre reclamava que já não tinha tempo para práticas piedosas: ajuda aos órfãos, aos necessitados, não havia tempo para dedicar-se à sua freguesia e em especial aos desvalidos, não conseguia levar-lhes conforto espiritual, não conseguia tempo para ir a suas residências, por mais humildes que fossem, para lhes levar a pregação de amor, de perdão, de benevolência que era a pregação de Cristo. Ninguém fazia a administração material por ele, havia papéis a preencher, relatórios para a arquidiocese e mil itens da burocracia organizacional com que perdia o tempo em vez de se preparar e desempenhar sua função, aquela para a qual Deus o chamara.

O bispo, com toda a tranqüilidade, voltou a dizer-lhe que o povo se afasta da igreja quando sente que não há preparo por parte do seu “líder espiritual”. Mesmo que ele precisasse sacrificar um pouco a arrecadação da igreja naquele ano, se ele conquistasse o povo e fizesse com que retornasse, com certeza, no ano posterior ele já teria mais pessoas para ajudá-lo na administração material. Essas mesmas pessoas fariam os planos para aumentar a arrecadação da igreja, fariam planos que atraíssem de volta os fiéis que ao ouvirem a dedicação com que o padre dava às litúrgias, aos cerimoniais, aos cantos, enfim, as atitudes do próprio padre, seriam elas permanentemente influenciadas e permaneceriam no seio da Igreja.

Enquanto ouvia pensei: “Seria essa a crise por que passam as igrejas tradicionais?”.

RITUALÍSTICA - O CREDO

Quantas vezes é cantado o “Credo” na missa da Igreja de Antioquia?

O “Credo”, ora, é muito fácil, uma vez!

Resposta errada!

Quem respondeu “uma vez”, está pensando no “Credo” de Nicéia que é cantado não só na missa mas também em qualquer cerimônia na Igreja de Antioquia. É aquele hino em que o sacerdote começa: “*Cremos num só Deus*” e um diácono entoia, seguido por todo o povo, continuando: “*Pai todo poderoso, criador do céu e da terra e de tudo que é visível e invisível...*”.

Quem conhece a missa da Igreja, logo no início, percebe que há outra declaração de fé, cantada. Trata-se da primeira oração da missa, logo que a cortina do altar-mor é aberta, o sacerdote voltado com a face ao Mais Sagrado, com o turíbulo incensa e clama:

“*Pela oração da Mãe, aquela que te deu a luz, e de todos Teus santos, sejas exaltado*” então, os diáconos e o povo cantam de forma responsorial: “*Senhor Rei Unigênito, Filho e Palavra do Pai Celeste, Aquele que em Sua natureza imortal...*” (em aramaico é: ***badSêluth mayiám dyiletokh uadêkhulêhun qádixaik eramërmokh mor malêko yihidhoiô, brô umelêthô davo xëmayiono, háu dyitháu bakyiône lô môyiuthô...***)

Enquanto os diáconos e o povo cantam, o sacerdote já entregou o turíbulo ao diácono que incensará e ele com o sacerdote e mais os dois diáconos que levam os candelabros móveis, fazem uma procissão em torno do altar.

Dessa forma, nenhuma missa na Igreja de Antioquia pode iniciar sem a “Declaração de Fé” que era usada bem no início do cristianismo e organizada, no século V por Santo Severo de Antioquia (em aramaico: ***mor sewerios dantiukhia***), que todos os fiéis e sacerdotes e diáconos declaram em alto som, que nada mais é que outra forma de dizer o “Credo”.

Palavras da Bíblia

Porque Deus, Ele mesmo disse: “*da escuridão há de se manifestar a luz*”, Ele resplandeceu em nossos corações para iluminar através do conhecimento da Glória dEle, de Deus, na face dEle próprio Jesus Cristo. .

2ª Carta de S. Paulo aos coríntios - capítulo 4º

Sempre há um necessitado em teu caminho.

Não deixes de ajudar o teu próximo!

Ajuda-o! É Cristo quem pede!

CULTURA ORIENTAL II - OS VASILHAMES ORIENTAIS (1ª PARTE)

Entre os mais admirados objetos de arte oriental estão as travessas de metal ou louça com inscrições decoradas. Aqui devemos esclarecer melhor e ampliarmos um pouco a descrição. De início, diremos que essas travessas podem ou não ser de uso regular na cozinha ou na mesa. Nos dias de hoje, a maioria desses objetos (senão todos) não é de uso regular na mesa ou na cozinha. São produzidos como objetos de arte e, como sempre portam inscrições de cunho religioso, são também objetos de carga religiosa que afetam quem as admira.

Outro ponto a esclarecer é que a maior propagação final desses objetos, deu-se durante a propagação do islão pela Ásia, pelo Norte e Leste da África chegando daí, até partes setentrionais da Europa, principalmente Espanha e Portugal e de lá propagaram-se pela Europa. Isto aconteceu quando o Império Romano de Oeste já estava totalmente esfacelado devido às invasões bárbaras e o Império Romano de Oriente (ou também conhecido como Bizantino) estava cedendo terreno às invasões dos povos que se haviam convertido ao islão, como os partas (persas) ou tribos convertidas ao islão, como os seljuques, otomanos e outras tribos mongóis.

O último ponto a esclarecer é que, apesar de as chamarmos de “travessas”, isso foi somente para facilitar o entendimento; em verdade possuem formas e tamanhos variados, desde pratos do tipo abertos e travessas,

até pratos fechados e tigelas, fossem eles de louça ou metal e de tamanhos variados.

Como foram muito difundidos no islão, vinham com inscrições especiais e decorativas extraídas do Corão. Na figura, ao lado, podemos ver um deles, contemporâneo, feito no Paquistão:

A decoração inscrita nesses objetos de arte, muitas vezes é a caligrafia (a palavra “caligrafia”, em grego, significa: “bela escrita”) e trazem na superfície o próprio texto. Para qualquer admirador de arte, um “connoisseur” ou um “marchand”, é esse ponto que ele apresenta e retoma e diseca em suas análises e finalmente mostra o valor de tal arte para o espírito humano e para a humanidade como um todo.

Além dessa camada artística, o ser humano mais modesto, aquele que admira a arte pela decoração que traz, vê também uma outra camada subjacente. Em geral, ele não consegue ler a caligrafia pois ela é tão



decorada e alterada que se torna quase incompreensível até para quem sabe ler fluente e corretamente o idioma árabe pois, o Corão somente pode ser transmitido no idioma árabe e a inscrição encontra-se neste idioma, porém, a grande maioria dos maometanos não é árabe e nem se quer fala ou lê o idioma árabe; a maioria islâmica é formada por iranianos, turcos, paquistaneses, indonésios, malaios, mongóis etc. Ocorre que no momento em que um ser humano, mais esclarecido, percebe alguns termos do Corão inscritos nos vasilhames, com certeza definirá o capítulo inteiro (em árabe diz-se: *súrra*) ou o versículo (em árabe se chama: *áia*). Por outro lado, a maioria do povo que segue caladamente a religião maometana, sem ter lido e estudado o próprio Corão

CULTURA ORIENTAL - OS VASILHAMES ORIENTAIS

e sem qualquer preocupação em saber se o que está lá é confirmado ou negado mais adiante, dentro do próprio Corão, enxergará nesse próprio objeto, uma inscrição de ordem espiritual, algo que o protegerá, ou seja, um amuleto ou um encanto. Observemos então que racionalmente, estamos diante de um signo com dupla função: 1º a arte e 2º a crença (ou o signo religioso). O mundo ocidental assim como o oriental, valoriza sobremaneira esse signo, principalmente o de origem islâmica (ou maometana). A própria rede mundial (Internet ou “world wide web”) divulga essa informação¹. Prega-se nas escolas ocidentais, que essa arte foi desenvolvida pelo maometanismo e os leitores dos livros escolares que ensinam história, ficam com a impressão que essa arte (caligrafia e por conseqüência vasilhas inscritas) foi um desenvolvimento do maometanismo e ela não existia antes dos mouros invadirem a Península Ibérica.

As perguntas que devemos levantar sobre essa afirmação tida como verdadeira são:

- 1) Existia a arte de fazer vasilhas antes do maometanismo (sec. VII/VIII d.C.)? E aqui queremos dizer arte e não uma vasilha qualquer.
- 2) Se existia, há provas disso?
- 3) Existia a arte de fazer inscrições nas vasilhas antes do maometanismo?
- 4) Se existisse, quais provas temos disso?
- 5) Que tipo de inscrições traziam?

Referências:

- 1) **Caligraphy in Islamic Art:** https://www.metmuseum.org/toah/hd/cali/hd_cali.htm (acesso em 25 de julho de 2018)

[CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO]

Ensinaamentos de Nossos Mestres

Os seres humanos que se aproximam da educação; da luta contra o tempo procuram se livrar e aqueles que se apegam à sabedoria, pela esperança da justiça se elevam, e aqueles que agem dentro da realidade, o seu desígnio de bondade mostram; e os que meditam na filosofia, da fraude do mundo procuram escapar.

[extraído de: *Lettre de Mara bar Sérapion et la Paidéia hellénistique* - Jurasz, Isabela. Bulletin de l'ABELAO - nr 7 (pg 81-135)- Université de Paris. 2018]

Noticias da Comunidade

Catedral Armênia – Maio foi um mês muito movimentado pelos diversos eventos. No dia 24, o bispado Armênio Ortodoxo, em São Paulo, comemorou os 70 anos de Consagração da Catedral Armênia São Jorge através de uma noite de recital de canto e música sacra armênia. Inicialmente, Bispo Nureg Barbarian, Primaz da Igreja Armênia, fez um discurso e uma oração acompanhado por 200 convidados. Depois a soprano Manush Harutyunian acompanhada pela pianista Ruzanna Grigoryan fizeram uma magistral apresentação. Ambas são “virtuosos” reconhecidas e premiadas internacionalmente em diversos países da Europa. Para essa apresentação, nosso pároco, padre Andraous fora convidado e ele e o Diretor Cultural representaram a Igreja Santa Maria durante o evento.

Pentecostes foi comemorado pela Igreja Santa Maria com a festividade religiosa da data. Realizamos uma procissão na qual todos os fiéis se integraram. Isso ocorreu no domingo, 27 de maio.

Junho 1 – iniciou com uma triste notícia: o falecimento do diácono Carlos Alberto Abdallah. Carlos serviu o altar da Igreja Santa Maria, desde a sua consagração em 1981. Sempre humilde, como bom servo de Deus, ficou na categoria de “diácono cantor” (em aramaico: **mēzamrono**) e somente no final de 2016 aceitou ser elevado à categoria de “diácono leitor” (em aramaico: **qorūio**). Carlos entregou sua alma a Deus em 2 de junho e, como todo diácono e sacerdote, foi velado na igreja donde partiu o féretro. Deixou muita saudade e temos certeza que Deus o terá Consigo. “Suryoye” externa seus pêsames à família Abdallah e lhes deseja (como se diz em aramaico): **Aloho dtore rixáikhu bassimo** (Deus mantenha vossas mentes sempre agradáveis).

Junho 2 – Foi muito agradável e divertida a **Festa Junina** em 24 de junho, organizada pela Diretoria Social com o intuito de recolher fundos para as obras caritativas da Igreja Santa Maria. Foram recolhidos alimentos para serem doados aos refugiados no Brasil. Esse empreendimento não teria acontecido sem a coordenação e participação da Liga das Senhoras da Igreja Santa Maria que estavam sob a liderança das senhoras Vilma Almazzi e Marie Rose Setrak Sowmy. Colaboraram para o sucesso do evento muitas esposas e jovens da comunidade para que tudo corresse bem e acabasse com o sucesso que teve. A Comunidade da Igreja Santa Maria pode somente apresentar seu “**táudi sággi**” (muito obrigado) à Diretoria Social e um “**táudi sággi**” também à Liga das Senhoras da Igreja Santa Maria!

Padre Gabriel – O Conselho Deliberativo informou que Padre Gabriel Dahho, que serviu a Comunidade da Igreja Santa Maria por 19 anos, deverá passar uma temporada em São Paulo e programou para que ele oficiasse 3 missas dominicais, nas 3 primeiras semanas de julho. Atualmente, Padre Gabriel é o Abade do Mosteiro de Santo Afrem e diretor do Seminário em Sednaya / Síria, onde, entre os seminaristas que lá estudam, há 2 seminaristas brasileiros da Igreja Sirian Ortodoxa Missionária.

ORAÇÃO INICIAL - ܟܠܗ ܕܥܡܗ ܕܥܝܪܐܢܐ

(takhxêfêtho dêmôr afrêh)

(ܐܘܒܥܝܠܐ ܘܡܢܒ ܐܦܝܢܝܡ)

dSôve bêthaiôve
 dSvi bi díthai hadToiô.
 basmokhokh rávo
 mên parthuôtháik esabáain
 ulô nívdun háiai
 bêhexúkho dmen semôlô
 ulô tēhur kinúthôkh
 bēmúmê sēnaiô dēhalôxuth
 bêháu dSáfro rávo
 dēláit xulômô lēthuqônê.

ܘܟܐ ܠܗܝܠܐ
 ܕܝܗܝܠܐ ܘܐܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ.
 ܕܝܗܝܠܐ ܘܕܝܗܝܠܐ
 ܕܝܗܝܠܐ ܘܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ.
 ܘܠܐ ܝܪܝܗܐ ܕܝܗܝܠܐ
 ܕܝܗܝܠܐ ܘܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ.
 ܘܠܐ ܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ
 ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ.
 ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ
 ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ
 ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ

ܟܠܗ ܕܥܡܗ ܕܥܝܪܐܢܐ ܘܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ

Pio Zingerle ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ

ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ

ܟܠܗ ܕܥܡܗ ܕܥܝܪܐܢܐ

ܠܐ ܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ

ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ

ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ ܕܝܗܝܠܐ

